

A AVALIAÇÃO DA ACADEMIA JÚNIOR: AS PERCEPÇÕES DOS JOVENS

Rui Neves
Universidade de Aveiro
rneves@ua.pt

Adriana Pinho Ferreira
Universidade de Aveiro
ferreira.a@ua.pt

Resumo

O presente artigo pretende analisar um programa de “Academia de Verão Júnior” desenvolvido junto de 25 jovens de 10-13 anos durante uma semana na Universidade de Aveiro, considerando as suas opiniões e reflexões. Os dados foram recolhidos através de instrumentos de registo – diários e finais – individuais e centrados sobre as percepções sobre o programa, tendo sido analisado o seu conteúdo. Foi possível identificar as atividades integrantes do programa de maior e menor agrado dos jovens, bem como as reflexões que tiveram uma forte ligação dos pontos mais positivos aos conteúdos e dos menos positivos às questões de organização. Os jovens revelaram ser possível conciliar um programa de socialização entre participantes com as aprendizagens de natureza científica, bem como promover a aproximação das universidades a futuros públicos através deste tipo de programas.

Palavras-chave: Universidade. Academia de verão. Jovens. Programa.

ACADEMIA JUNIOR: PERCEPTIONS OF THE YOUTH ON ITS EVALUATION

Abstract

This article aims to analyze a program “Academy Junior” developed together 25 young people from 10-13 years for a week at the University of Aveiro, considering their opinions and reflections. Data were collected through individual questionnaires and focused on personal opinions and throughout the duration of the program reflections, were analyzed your content. It was possible to identify the members of the higher and lower satisfaction of youth program activities, as well as personal reflections that had a strong connection to the content of the positive and negative points to issues of organization. The youth turned out to be possible to combine a program of socialization among participants with the learning of science and nature that universities with such programs promote public approach to future.

Keywords: University. Summer academy. Young. Program.

LA EVALUACIÓN DE LA ACADEMIA JÚNIOR EN LAS VOCES DE LOS PARTICIPANTES

Resumen

En este artículo se pretende analizar un programa de Academia de Verão Júnior, una escuela de verano, desarrollado durante una semana en la Universidad de Aveiro por 25 jóvenes entre los 10 y los 13 años. Para esta evaluación fueran consideradas las reflexiones y opiniones de los jóvenes. Los datos fueron recogidos a través de instrumentos individuales de registro - diarios y finales - enfocados en las percepciones de los jóvenes sobre el programa y sus actividades. Tras el análisis de contenido fue posible identificar no sólo las actividades que les han gustado más y menos a los participantes, sino los puntos más positivos – los contenidos desarrollados durante el programa – y los menos positivos – cuestiones de organización/gestión. Los jóvenes consideran que es posible conciliar un programa con un componente social y el aprendizaje de contenidos científicos. Además, reconocen que las universidades que desarrollan estas iniciativas promueven una aproximación a futuros alumnos.

Palabras clave: Universidad. Escuela de verano. Jóvenes. Programa.

A AVALIAÇÃO DA ACADEMIA JÚNIOR: AS PERCEPÇÕES DOS JOVENS

INTRODUÇÃO

A abertura das Universidades à sociedade é uma das suas apostas, por via do aprofundamento de relações e mútuo conhecimento. Como refere Delors (1996, p. 144), “[...] além da tarefa de preparar numerosos jovens para a pesquisa ou para empregos qualificados a universidade deve continuar a ser a fonte capaz de matar a sede de saber dos que, cada vez em maior número, encontram na sua própria curiosidade de espírito o meio de dar sentido à vida”.

Neste contexto de abertura, as questões não se colocam exclusivamente na transferência de conhecimento, mas também da oferta de programas para novos públicos. Esta oferta surge por motivos diferentes já que a captação de novos alunos no curto prazo (ex: concursos de mais de 23 anos) não se pode dissociar de estratégias de difusão das práticas do ambiente acadêmico e de novas vivências pedagógicas e científicas dirigidas a alunos a frequentar, ainda, o ensino básico e secundário. A iniciativa de muitas universidades em promoverem programas e atividades dirigidas para públicos, não tradicionalmente os seus, insere-se nessa lógica de abertura e disponibilidade. Para Sousa Santos (2004, p. 73), numa lógica de reconquista de legitimidade da universidade “a área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial [...] atribuindo

às universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural”.

Assim, a Universidade tem vindo de forma crescente a ampliar a oferta de programas estruturados e de características variadas dirigidos a jovens que no futuro possam vir a frequentá-la. Com a atenção centrada nos jovens a frequentar ainda o ensino básico e secundário, muitas Universidades promovem programas de atividades organizadas em função de temáticas científicas, já que “são geralmente multidisciplinares, o que permite a cada um ultrapassar os limites do seu meio cultural inicial” (DELORS, 1996, p.144).

Knox, Moynihan e Markowitz (2003), ao avaliarem o impacto de um “*summer science program*” em jovens, evidenciaram que a frequência deste tipo de programas, ao possibilitar o contato com professores universitários, promove o desenvolvimento de competências em atividades que implicam manuseamento de material de laboratório. Demonstraram também que programas deste tipo permitem que o jovem crie uma percepção mais positiva sobre a ciência, despertando neles a vontade de continuar um percurso escolar ligado às ciências.

Hopkins (2006) na avaliação de um programa de escola de verão na Escócia refere à importância da frequência destes programas, alicerçada em estratégias de forte envolvimento, para o incremento do interesse de crianças e jovens por uma dada área

científica (no caso a geografia humana).

Burge *et. al.* (2013) analisaram o impacto de um campo de férias com objetivos de encorajar a frequência universitária e a promoção do interesse de raparigas pela computação. Para os autores os resultados revelaram que as atividades desenvolvidas durante o programa aumentaram o interesse e capacidade de computação, mas também a compreensão sobre a natureza das funções de quem trabalha nesta área.

Num estudo realizado na School of Social Work no Michigan State University (EUA) Kirk e Day (2011) evidenciaram que a frequência do “summer camp program” permitiu aos jovens conhecer a vida universitária, os apoios e processos de admissão. Este “*summer camp program*” teve como preocupações acautelar a transição do ensino secundário para o superior através da consolidação de competências, melhoria de autoestima e contributo para a resiliência nessa adaptação.

Em Portugal têm surgido no panorama universitário, programas com diferentes designações: Universidade de Verão (U Coimbra, UTAD) Universidade Júnior (U Porto), Academia de Verão (U Aveiro), Verão no Campus (U Minho) que de uma forma geral têm como objetivos proporcionar vivências pedagógicas e científicas numa determinada temática, contribuindo para melhores escolhas vocacionais e um salutar convívio entre participantes. A diversidade temática e organizativa tem caracterizado estes programas da responsabilidade das universidades, num ambiente académico promotor da apetência pela frequência do ensino superior. Na avaliação da primeira edição da Universidade Júnior (U Porto) Ribeiro (2007) destaca nas conclusões

relativas aos jovens que estes relevaram a excelente relação com os monitores, o agradável ambiente geral vivido, um notável interesse pelas atividades, considerando ainda que estas foram criativas, fáceis, estimulantes e tinham um elevado carácter prático e apelavam à autonomia. A maioria dos jovens considerou elevado o nível das novas aprendizagens realizadas e que as atividades os tinham motivado a aprender mais sobre o tema. A avaliação da Universidade Júnior foi muito positiva, pois os jovens, numa escala de 0 a 20, atribuíram uma classificação média de 17,4.

A Universidade de Aveiro, desde 2006 que promove a Academia de Verão (AV), definindo esta última como “um programa de ocupação científica de jovens, dirigido a alunos do 2º e 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário” (ACADEMIA DE VERÃO, 2013). Na operacionalização da AV um número variável de departamentos é envolvido, o que permite organizar programas com “componente científica composta por atividades experimentais, laboratoriais e saídas de campo” articuladas ao longo da semana com “um conjunto de atividades culturais, desportivas e de lazer organizado em colaboração com uma entidade credenciada a (União para a ação cultural e juvenil educativa)” (ACADEMIA DE VERÃO, 2013). Ainda integrada na AV, a Academia Júnior (AJ) constitui-se como a oferta de um programa de ocupação científica que se destina aos alunos que frequentam o ensino básico do 5º ao 9º ano de escolaridade. Esta AJ tem como finalidade educativa a divulgação científica e constituem-se como seus objetivos desenvolver atividades científicas, culturais, desportivas e de lazer de forma a proporcionar uma experiência de

uma semana de estudo e trabalho vividos a tempo inteiro na Universidade de Aveiro. Deste modo pretende-se com o presente estudo de natureza exploratória, analisar e caracterizar as percepções dos participantes sobre a edição da AJ de 2013.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo exploratório de âmbito qualitativo (PARDAL e LOPES, 2011; YIN, 2006) constitui-se enquanto reflexão em torno da avaliação realizada ao programa 2013 da AJ, por parte do seu público-alvo. Procura ser uma ferramenta para autorreflexão das práticas e orientadora de práticas futuras. Concebe-se enquanto análise interpretativa (BARDIN, 1979; PARDAL; LOPES, 2011) da opinião dos participantes da AJ.

Em julho de 2013 o Departamento de Educação da Universidade de Aveiro (Portugal) promoveu no âmbito da AJ2013 o programa *Vamos aprender a olhar o mundo? Vê, explora, sente e conta o que fazes...* (1) dirigido a 25 jovens, alunos do 5º e 6º ano de escolaridade. O programa, que decorreu durante o período da manhã e da tarde ao longo de uma semana, teve um conjunto diversificado de atividades, envolvendo temáticas como: *Ideias para fazer um guião multimédia; Olhar a Terra - conversa/palestra | filme; A pensar sobre o que vimos, sentimos e fizemos; Matemática em ação - desafios matemáticos; O Ser Humano e os recursos naturais; Conhecer e pensar as diferenças sobre a Terra; Explorar o Jardim da Ciência; Uma viagem*

virtual pela Rússia!; Acordando – acordo ortográfico; Através de multimédia; Os trabalhos realizados | O que foi a Academia Júnior. Esta visou os seguintes objetivos:

- i) Participar em atividades que percorram diferentes áreas do conhecimento, através da produção, em grupo, de um documentário multimédia sobre questões da atualidade como a vida na Terra e o diálogo intercultural;
- ii) Estimular a participação, a criatividade, a capacidade de trabalho em equipa e de mobilização de diferentes recursos;
- iii) Desenvolver situações que em equipa, levem a refletir, construir e comunicar problemas, soluções e desafios.

Neste contexto, o estudo exploratório que se apresenta visa: i) analisar as opiniões e reflexões dos jovens que frequentaram a AJ2013; ii) identificar padrões de opiniões sobre as atividades do programa; iii) caracterizar as percepções desenvolvidas ao longo do programa pelos jovens sobre as atividades em que participaram.

Participantes

Neste programa AJ2013 participaram 25 jovens a frequentar, no ano letivo 2012/2013, o 5º e 6º ano de escolaridade do ensino básico em Portugal, com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos (12 rapazes e 13 raparigas) e com uma média de 11 anos de idade. Eram provenientes de várias localidades, tais como: Aveiro, Cortegaça, Gafanha da Nazaré, Paredes de Baixo,

1 <http://www.ua.pt/academiadeverao/2013/PageText.aspx?id=16780>.

Oliveirinha, Vagos, Ílhavo, Sever do Vouga, Chousa e Alfoanelos (Lisboa).

Instrumentos de recolha de dados

Para a recolha de dados foram elaborados previamente instrumentos para registo das opiniões dos jovens participantes aproximados a questionários de perguntas abertas. Estas questionavam os participantes acerca dos pontos mais ou menos positivos do programa da AJ2013 e eram de dois tipos: i) um para registo diário dos dois pontos mais positivos e dos dois pontos menos positivos das atividades; e ii) um para registo final onde era solicitado uma apreciação global da semana, sob a forma de pontos fortes e pontos fracos. Nesta lógica de abordagem qualitativa foram utilizadas técnicas de recolha de dados igualmente qualitativas, sendo o discurso o principal objeto de análise e, como tal, optou-se por recorrer a questões abertas (QUIVY e CAMPENHOUDT, 2003).

Recolha de dados

As opiniões dos jovens foram sempre

registadas no final de cada dia depois de terminadas as atividades previstas no programa AJ2013. O instrumento de registo final foi aplicado no final de todas as atividades e no último dia da semana.

Tratamento de dados

Depois da leitura flutuante, fez-se uma leitura massiva do material recolhido, através da qual foi possível identificar as características comuns existentes entre as opiniões dos jovens participantes, designadas por unidades de registo. A unidade de registo é definida como “unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando à categorização” (BARDIN, 1979, p. 104).

Com suporte na análise massiva da informação recolhida, e também em função dos objetivos do estudo, emergiu um sistema de categorias onde se agruparam a totalidade da informação em análise. O quadro 1 sintetiza esse sistema de categorias.

| Categoria | Descritivo | Exemplo |
|---|--|--|
| Atividades do Programa | Incluem-se nesta categoria todas as referências alusivas ao conteúdo e natureza das atividades em que os participantes estiveram envolvidos. | “Gostei mais de ter realizado as experiências do Jardim da Ciência e de ter ‘viajado’ através de um filme sobre a Rússia” (OF2) |
| Aprendizagens realizadas no programa | Incluem-se nesta categoria todas as referências a aprendizagens realizadas nas atividades em que os participantes estiveram envolvidos. | “[...] experimentar novas atividades como aprender línguas novas como o Russo” (OF2) |
| Formas de participação no programa | Incluem-se nesta categoria todas as referências alusivas às formas de participação dos jovens. | “Quando já tínhamos os obstáculos para os robôs passares muita gente andou a mexer novamente e não o era para fazer [...]” (2Pn40) |
| Outras | Incluem-se nesta categoria todas as referências ausentes de ponderação, em termos quer de pontos mais positivos quer de menos positivos. | “Eu não tive nenhum ponto menos positivo hoje, portanto nem tenho nada a dizer” (2Pn32) |
| Não responde | Incluem-se nesta categoria todas as ausências de resposta dos participantes. | Incluem-se nesta categoria todas as referências alusivas ao conteúdo e natureza das atividades em que os participantes estiveram envolvidos. |

Quadro 1 – Sistema de categorias de percepção sobre a participação na AJ2013

Fonte: Elaborado pelos autores.

De forma mais específica, a intenção primeira era aceder às opiniões dos jovens acerca das atividades propostas, permitindo-nos, assim, aceder às percepções dos jovens acerca da AJ2013. Foi realizada a codificação dos dados, com o objetivo de identificá-los, para posteriormente se proceder à devida análise de conteúdo (BARDIN, 1979), da qual emergiram as categorias acima apresentadas. Os códigos, por sua vez, tomaram as seguintes formas: (i) Pp e Pn para o registo diário dos dois pontos mais positivos e dos dois pontos menos positivos, respetivamente; e (ii) OF para opinião final, respeitante ao registo final onde era pedida uma apreciação global da semana, sob a forma de pontos fortes e pontos fracos. De anotar que aos códigos Pp e Pn acresce numeração antes, representativa do dia da semana, sob a forma de 1, 2, 3 e 4 – primeiro, segundo, terceiro e quarto dia da semana –, e depois, relativa à numeração estabelecida para identificar cada uma das opiniões. Esta última aplica-se também a OF.

Não obstante o carácter qualitativo da análise proposta considerou-se pertinente conduzir uma abordagem mista aos dados recolhidos, quantitativa e qualitativa. Assim, numa primeira fase, foram realizadas análises quantitativas (estatística descritiva) dos discursos com base na análise de conteúdo das suas respostas, resultando em frequência relativa ao nível das categorias de análise definidas.

Numa segunda fase, pelo propósito principal do estudo, foram analisados os discursos dos jovens participantes numa base de análise interpretativa, através das categorias definidas e emergentes das percepções dos participantes da AJ.

RESULTADOS E ANÁLISE

As percepções globais finais dos jovens sobre a AJ2013

As percepções que os jovens têm no final da frequência da AJ podem ser analisadas a partir dos resultados dos quadros 2 e 3, respetivamente sobre as suas percepções – sob a forma de *pontos fortes* e *pontos fracos*. Os valores de unidades de referência evidenciam um maior número de respostas afetas aos primeiros do que aos segundos (67 – 26) o que permite inferir um grau de satisfação positivo implícito no discurso dos jovens. Dos resultados poderemos analisar que a referência à categoria *Atividades do programa* assume um papel nuclear sobre a perspetiva dos jovens acerca do que representou para si a AJ2013. Parecem ser as atividades propostas, e em que os jovens estiveram envolvidos ao longo do programa, o elemento claramente marcante para a sua percepção da AJ2013. Ainda sobre esta categoria realce-se a sua superior expressão nas percepções globais *pontos fracos* relativamente aos *pontos fortes* (61.6% - 34.3%).

| Categoria | N. | % |
|--------------------------------------|-----------|------------|
| Atividades do programa | 23 | 34.3 |
| Outras | 19 | 28.4 |
| Aprendizagens realizadas no programa | 14 | 20.9 |
| Formas de participação no programa | 11 | 16.4 |
| NR | 0 | 0 |
| Total | 67 | 100 |

Quadro 2 – Percepções globais finais em termos de pontos fortes sobre a Aj2013
– categorias, frequência relativas e percentagens
Fonte: Elaborado pelos autores.

A categoria *Outras* surge nas duas percepções em segundo lugar, com valores sempre superiores a 20 % (28.4% e 23.1%) que será objeto aprofundado mais à frente.

Também com maior expressão nos

resultados das percepções *pontos fortes* (20.9%) a categoria *Aprendizagens realizadas no programa*, que se distingue claramente quando surge muito pouco associada às percepções *pontos fracos* (3.8%).

| Categoria | N. | % |
|--------------------------------------|-----------|------------|
| Atividades do programa | 16 | 61.6 |
| Outras | 06 | 23.1 |
| Formas de participação no programa | 03 | 11.5 |
| Aprendizagens realizadas no programa | 01 | 3.8 |
| NR | 0 | 0 |
| Total | 26 | 100 |

Quadro 3 – Percepções globais finais em termos de pontos fracos sobre a Aj2013
– categorias, frequência relativas e percentagens
Fonte: elaboração pelos autores.

As percepções dos jovens ao longo da semana da AJ2013

Com um carácter complementar, torna-se pertinente apresentarmos o conjunto de resultados, relativos às referências dos jovens, centradas nas dimensões *pontos mais positivos* e *pontos menos*

positivos da sua participação na AJ2013, identificadas ao longo de cada dia do programa. Os resultados estão sintetizados nos quadros 3 e 4, onde se evidencia a categoria *Atividades do programa* com valores bastante expressivos.

Dos resultados deveremos ainda

destacar, principalmente na dimensão dos *pontos mais positivos*, a categoria *Aprendizagens realizadas no programa* (27.6%), reveladora da

percepção positiva que as atividades constantes do programa suscitaram como momentos conscientes de aprendizagem.

| Categoria | N. | N. | % |
|--------------------------------------|-----|----|------|
| Atividades do programa | 70 | | 60.4 |
| Aprendizagens realizadas no programa | 32 | | 27.6 |
| Formas de participação no programa | 12 | | 10.3 |
| Outras | 02 | | 1.7 |
| NR | 0 | | 0 |
| Total | 116 | | 100 |

Quadro 4 – Percepções em termos de pontos mais positivos ao longo da semana Aj2013

– frequências relativas e percentagens

Fonte: elaborado pelos autores.

Deveremos destacar na dimensão das percepções *pontos menos positivos* ao longo da semana a categoria *Outros* (20.8%) que atinge

elevada expressão relativamente a outras categorias.

| Categoria | N. | % |
|--------------------------------------|----|------|
| Atividades do programa | 55 | 57.3 |
| Outras | 20 | 20.8 |
| Formas de participação no programa | 11 | 11.5 |
| NR | 08 | 8.3 |
| Aprendizagens realizadas no programa | 02 | 2.1 |
| Total | 96 | 100 |

Quadro 5 – Percepções em termos de *pontos menos positivos* ao longo da semana Aj2013

– frequências relativas e percentagens

Fonte: elaborado pelos autores.

A análise quantitativa às referências dos jovens, acerca da sua percepção ao longo da semana e no final da AJ2013, permite inferir a existência de um grande enfoque na categoria *Atividades do programa*, que merece sempre forte expressão nos vários ângulos de análise. Esta forte tendência poderá advir da focagem dos jovens naquilo em que estiveram implicados, não conseguindo, muitas vezes, abstrair-se do concreto da atividade proposta no programa para realizar outro tipo de registos e reflexões pessoais. Este facto poderá também estar relacionado com a faixa etária destes jovens (10-13 anos), que poderão ainda não possuir a maturidade cognitiva suficiente para outros níveis de reflexão. Destes dados tornou-se muito claro que a AJ2013 para os jovens foi resultante da triangulação variável entre a natureza das atividades desenvolvidas, as aprendizagens realizadas nas diversas áreas científicas e a sua implicação e participação individual e em grupo, o que está em linha com os resultados obtidos por Knox, Moynihan e Markowitz (2003).

A Aj2013 na narrativa dos jovens participantes

Neste ponto procederemos à apresentação e discussão do conteúdo dos registos narrativos dos jovens participantes, preocupando-nos com os pressupostos de descrição, inferência e interpretação (PARDAL e LOPES, 2011).

Ao nível dos **registos finais** da AJ2013, a categoria com maior incidência de unidades de registo, como anotado anteriormente, refere-se às *Atividades do programa* e não obstante, existem indicadores que nos permitem distinguir e 'arrumar' as

alocações em dois compartimentos de uma mesma 'gaveta'. Concretizando, na dimensão *pontos fortes* parece haver uma tendência para se reportarem aos conteúdos das atividades – “[...] visitar o Jardim da Ciência e algumas atividades lá [...] Também pude lidar com robots e observar algumas paisagens linguísticas. E por fim, também fizemos um texto para o Jornal” (OF13); ou “[a] ida ao Jardim da Ciência e o jogo com os *robots roamer*, visto que, acho que foram as atividades mais práticas” (OF15). Ao contrário do que acontece na dimensão *pontos fracos*, cuja tendência aponta para questões relacionadas com a organização e gestão das atividades, como podemos verificar através das alocações: “[...] achei também que tivemos pouco tempo para visitar o Jardim da Ciência que gostava de ter estado mais tempo com os robôs” (OF8); “Eu acho que devíamos ter mais tempo de almoço (mesmo que a academia acabasse mais tarde)” (OF11); “[...] o pouco] tempo para fazermos o trabalho” (OF14).

Ainda a este nível, o desfasamento entre o compartimento dos conteúdos das atividades e o da organização e gestão das atividades tende a ser menor nos registos finais, quando comparados com os registos diários.

Os registos parecem igualmente evidenciar uma forte tendência para enunciar o tipo de atividade de que gostaram mais ou menos. Não obstante, existem evidências que apontam para a realização de sugestões, sustentadas na aceção do que deveriam contemplar as atividades. Veja-se: “O que gostei mais foi dos robôs, nunca tinha experimentado tal coisa; também gostei do Jardim da Ciência e do Russo!” (OF14); “[...] gostei mais da parte de multimídia; línguas;

jardim da ciência...” (OF25); “O que não gostei foi da formação dos grupos [...] e do concurso do Acordo Ortográfico de Português” (OF14); “A atividade que eu gostei menos foi a do português de quinta-feira” (OF16); “Acho que devia haver mais atividades interativas” (OF18).

É igualmente notória a tendência em articular as *Atividades do programa* com as *Aprendizagens realizadas no programa*: “[...] o que gostei mais foi a atividade dos computadores de sexta-feira e de aprender a falar Russo” (OF16). Apesar de em algumas unidades de registo as atividades se imiscuírem com as aprendizagens, estas se consagram como uma ‘gaveta’ *per se*, evidenciando a sua expressividade na dimensão *pontos fortes*. Alocuções como: “[...] aprendi mais” (OF6); “[...] termos aprendido muitas coisas” (OF5); “[...] aprendi várias línguas, canções, pratiquei línguas (a minha e Russo) [...]” (OF11), confirmam essa incidência, a par da única unidade de registo emergente nos *pontos fracos*: “[...] e o meu alfabeto russo que não ficou como eu esperava. Ficou um pouco mal, mas as professoras disseram que para a primeira vez ficou muito bem!” (OF6), reflexo da interiorização, por parte do jovem, das competências a adquirir por via da aprendizagem.

Ganham, igualmente, particular relevo a incidência de opiniões que apontam para as *Formas de participação no programa*, vastamente associadas a processos de socialização formal e não formal, no caso da dimensão *pontos fortes*: “[...] pude fazer novos amigos” (OF2); ou “[...] e de trabalhar com outras pessoas” (OF8).

Como *pontos fracos* ressalvam-se, maioritariamente, estados físicos pessoais, como “Não gostei de não fazer algumas

atividades por causa do meu pé partido [...]” (OF18) ou “[...] ficar enjoado” (OF21), que condicionam a forma de participação nas atividades, e o modo de participação dos colegas nas atividades. Esta é uma tendência verificada, igualmente, ao longo das opiniões diárias.

Ocupa, também, lugar de relevo o modo como se expressam e reportam à semana da AJ2013, caracterizando-a como “[...] emocionante; altamente; e diferente, resumindo foi brilhante” (OF9), ou “[...] divertida e motivadora” (OF19), ou até mesmo “[...] sensacional [...] foi uma semana sensacional” (OF2). Por contraponto, em termos de *pontos fracos*, tendem a mencionar não se arrependem de terem vindo, não terem *pontos fracos* a apontar, não saberem se vêm para o ano, mas caso venham, há quem enuncie “[...] espero que [seja] um pouco melhor” (OF1). Algumas opiniões reportam-se mesmo à edição anterior da AJ, indicando a reincidência de alguns dos participantes. Contudo, mantêm-se reveladoras da forma ‘eufórica’ como se reportam à AJ2013 e continuam a aludir à eventual participação numa próxima edição: “Apesar, de esta ser a 1.^a vez que eu vim cá à Academia de Verão (na universidade) eu achei que isto, foi muito fixe; emocionante; altamente; e diferente, resumindo foi brilhante” (OF3); “[...] e foi muito divertido. Eu acho que para o ano vou voltar, pois está a ser muito divertido” (OF6); “A academia de verão para mim foi uma coisa que gostei e que é fixe. Gostaria de volta aqui no próximo ano” (OF22).

Ao nível dos **registos diários**, os *pontos mais positivos* reportam-se maioritariamente ao que parecem ser os conteúdos das atividades, ao passo que os *pontos menos positivos* relevam questões de

ordem organizacional e de gestão das atividades. São exemplos disso: “Discutir ideias sobre as causas de vias de extinção de alguns animais, sobre o ambiente [...] fazer o projeto com o meu grupo sobre uma página do jornal” (1Pp9); “O jogo que fizemos com os robôs. O jogo com o computador” (2Pp25); “Foi quando fizemos um jogo, de manhã, sobre o tema “um rosto, uma língua, uma cultura” (3Pp66); “Termos pouco tempo livre” (1Pn4); “[...] que não acabámos as atividades com o computador” (2Pn39); “O tempo para trabalhar na página do jornal podia ser maior” (3Pn60).

Se por um lado é notório o 'refúgio' na enunciação das atividades propostas enquanto *pontos mais positivos* ou *pontos menos positivos*, também podemos constatar que em alguns registos os participantes vão mais longe, descrevendo os momentos e/ou trabalhos realizados nas atividades, dos quais gostaram mais ou gostaram menos, focando-se mesmo nos conteúdos das atividades – “O que eu gostei mais foi ver os vídeos sobre: como ajudar o ambiente e discutirmos a nossa opinião” (1Pp10); ou “Foi quando tivemos de programar um robô passando por obstáculos até chegar ao lado oposto ao nosso” (2Pp39); ou até “O que mais gostei foi de [...] descobrir a diversidade de línguas e cultura existentes no mundo” (3Pp55).

No que concerne às opiniões relativas aos *pontos menos positivos*, os participantes tendem a apontar questões de ordem mais organizacional e de gestão das atividades. Como podemos verificar nas opiniões mobilizadas, os participantes reportam-se, maioritariamente, a questões: i) de tempo, no sentido da duração da atividade ou do intervalo previstos em programa; ii) de distância entre locais; iii) de organização e estabelecimento de grupos e iv) de dimensão

do espaço onde decorreram algumas atividades. Veja-se: “Os intervalos são curtos só dando, por exemplo na hora de almoço, [...] só deu tempo para nos dirigimo[s] à cantina e almoçar[mos]” (1Pn6); “Quando a M (animadora) fez o grupo das népias [...] Quando a professora (da parte da manhã) fez os grupos para fazermos a página do jornal” (1Pn8); “[...] não acabámos as atividades com o computador” (2Pn39); “O tempo para trabalhar na página do jornal podia ser maior” (3Pn60).

Revelou ser também maior a frequência de registos em *Outros* nas respostas aos *pontos menos positivos* do que nos *mais positivos*, sendo maioritariamente opiniões que passam por: “Eu não tive nenhum ponto menos positivo hoje, portanto nem tenho nada a dizer” (2Pn32) ou “Hoje, eu não tive pontos, menos positivos” (3Pn59). Também se verifica ser ao nível dos *pontos menos positivos* a maior incidência de ausência de respostas.

Verifica-se, igualmente, a maior incidência de unidades de registo na dimensão *pontos mais positivos*, comparativamente com a dimensão *pontos menos positivos*, ao nível das *Aprendizagens realizadas no programa*. Para além de enunciarem aprendizagens ao nível do ato de aprender como *pontos mais positivos* – “Foi divertido, educativo porque aprendemos a brincar” (1Pp18); “As atividades foram divertidas e aprendemos muitas coisas” (2Pp29); “[Pude t]estar os meus conhecimentos” (4Pp92) –, vão mais além, referindo, por vezes, os conteúdos aprendidos, como por exemplo “programar um robô” (2Pp46) ou “aprender língua russa” (4Pp77).

Apesar de se constatar a ocorrência de respostas de *pontos menos positivos* nesta categoria, esta demonstrou ser

consideravelmente menor.

Na categoria *Formas de participação no programa* a incidência de respostas nas duas dimensões analisadas tende a ser mais repartida, não havendo uma grande discrepância em termos de *pontos mais positivos* e *pontos menos positivos*. No que concerne a aspetos mais positivos revelam-se formas de participação nas atividades: a) a realização de novas amizades e a convivência com os amigos; b) os grupos e o trabalho em grupo e c) o espírito de competição sob a forma de vencer ou não vencer jogos propostos nas atividades. Esta última direciona-nos para os *pontos menos positivos*, alguns já enunciados na análise aos *pontos fracos* dos registos finais. Voltam a emergir os condicionantes físicos que impossibilitaram a realização de determinadas atividades. Salienta-se ainda o barulho que se impunha, por vezes, em algumas sessões (2Pn35; 4Pn74) e a invasão de espaços por parte de colegas (3Pn62), influenciando, por sua vez, a boa consecução das tarefas propostas.

É importante não esquecer que este estudo pretendeu ser um exercício de aceção ao que os participantes entenderam que foi sendo a AJ2013, através da recolha diária de opiniões, e ao que foi a AJ2013 na sua globalidade, através da realização de um balanço final. Foi possível ainda perceber que a tendência das respostas em termos de *pontos fortes* e *pontos fracos*, no balanço final, foi relativamente proporcional ao que foram sendo as opiniões diárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu-nos ter uma noção clara da percepção muito positiva dos jovens sobre a sua frequência da AJ2013. Essa

percepção positiva é transparecida na identificação que é feita sobre a visão global do programa, bem como das características das diferentes atividades que o integraram.

Globalmente, os participantes indicaram as atividades realizadas ao longo do programa como elementos mais ou menos positivos. Os mais positivos aproximaram-se de ilações mais da ordem dos conteúdos e os menos positivos relacionaram-se com questões de ordem organizacional e de gestão dos espaços, dos tempos e das próprias atividades. Os jovens não demonstraram passividade e chegaram mesmo a sugerir outras atividades que gostariam de ver integradas no espaço AJ, o que nos poderá direcionar para as diferentes concepções que os mesmos têm sobre o que é ou deveria ser a AJ. Relevaram o seu carácter didático e invocaram aprendizagens potenciadas ou não nos diferentes momentos da AJ. As formas de participação nas atividades é outro dos fatores que pareceu condicionar, ainda que com menor incidência, as opiniões partilhadas.

Os resultados apontaram claramente para a valorização da AJ2013, à semelhança do evidenciado por Ribeiro (2007), como uma proposta que conseguiu conciliar um espaço de socialização, com um bom clima de trabalho, e um contexto promotor de novas aprendizagens. Além disso, tendem a corroborar conclusões de outros estudos (KNOX e MOYNIHAN; MARKOWITZ, 2003; HOPKINS, 2006; BURGE *et al.*, 2013; KIRK e DAY, 2011), no sentido de ser possível e desejável, conceber e desenvolver programas que conciliem os desafios de novas aprendizagens, científicas e sociais, com a diversão e o convívio entre os jovens.

As percepções dos jovens indicaram-nos que programas desta natureza podem e

devem ser uma forma de aproximação da universidade a outros públicos, no sentido de responder, e paralelamente potenciar, à curiosidade e à atribuição de sentido para a vida preconizados por Delors (1996). Adicionalmente, colocam-nos perante a importância da instituição universidade apostar em iniciativas formativas, conciliadoras de abordagens que procuram a articulação entre formal e não formal, na medida em que esta parece ter uma responsabilidade acrescida na construção da coesão social (SOUSA SANTOS, 2004). Não se constituiu objetivo deste estudo perceber/explorar/analisar, numa primeira instância, o nível de implicação dos sujeitos nas atividades e, em última instância, a real forma de comprometimento com os objetivos deste tipo de iniciativas. Também não almejamos perceber o seu impacto em longo prazo, assim como entender de que forma a captação de novos públicos se efetiva, como a revisão de literatura nos indica. Contudo, apontamos como possíveis linhas de ação em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA DE VERÃO, 2013, Aveiro. **Academia de Verão 2013**: apresentação. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2013. Disponível em: <http://www.ua.pt/academiadeverao/2013/PageText.aspx?id=16926>. Acesso em: 15 set. 2013.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BURGE, J.; GANNOD, G.; DOYLE, M.; DAVIS, K. Girls on the Go: A CS Summer Camp to attract and inspire female high school students. In: SIGCSE'13, 2013, Denver. **Proceeding of the 44th ACM technical symposium on computer science education**. New York: ACM, 2013. p. 615-620.
- DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir** - relatório para a Unesco da comissão internacional sobre educação para o século XXI. Alfragide: Edições Asa, 1996.
- HOPKINS, P. Youth transitions and going to university: the perception of students attending a geography summer school access programme. **Area**, v. 38, n. 3, p. 240–247, set. 2006.
- KIRK, R.; DAY, A. Increasing college access for youth aging out of foster care: Evaluation of summer camp program for foster youth transitioning from high school to college. **Children and Youth Services Review**, v. 33, n. 7, p. 1173–1180, jul. 2011.
- KNOX, K.; MOYNIHAN, J.; MARKOWITZ, D. Evaluation of Short-Term Impact of a High School Summer Science Program on Students' Perceived Knowledge and Skills. **Journal of Science Educational and Technology**, v. 12, n. 4, p. 471-478, dez. 2003.
- PARDAL, L.; LOPES, E. **Métodos e Técnicas de Investigação Social**. 2. ed. Porto: Areal Editores, S. A., 2011.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2003.
- RIBEIRO, P. **Universidade Júnior**: avaliação das actividades do programa “Verão em Projecto (2005)”. 2007. 177p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Ciências, Universidade do Porto, Porto, 2007.
- SOUSA SANTOS, B. **A universidade do século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- YIN, R. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.